

O Éden, a Serpente e o Homem – Um Sobrevoo Pelas Origens

SOLANGE PEREIRA DO NASCIMENTO

*Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas
Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas*

*“O mistério de Deus é permanente.
Se sua natureza fosse decifrada, não se trataria mais de Deus”
(Silvio Fiorani)*

Resumo:

O tema deste artigo foi-me despertado há alguns anos quando da minha imersão no campo de pesquisa junto ao povo Sateré-Mawé no Município de Barreirinha – AM, quando investiguei como trabalho de tese o feminino sagrado dessa etnia. A partir do seu mito fundador sobre “O jardim do Nosokén” encontrei correlações e possíveis diálogos com o mito judaico-cristão do Jardim do Éden centrando o interesse de estudo na dimensão do feminino numa tessitura metodológica de diálogo com a teologia, filosofia e mitologia buscando deslindar sobre o sentido de “conversão Semiótica” como conceitua João Paes Loureiro. De nossos mergulhos inconclusos na dimensão erótica e patológica da criação em sua totalidade, percebemos a relação mística do homem consigo mesmo, com o divino e com a terra numa aporia que transcende a existência, num outro Tempo entre o sensível e o suprasensível.

Palavras-Chave: Mitos de Origem, Ecologia, Feminino, Mitologia

Abstract

The theme of this article came to me a few years ago when I was immersed in the field of research with the Sateré-Mawé people in the municipality of Barreirinha – AM, when I investigated the sacred feminine of this ethnic group as a thesis work. Based on their founding myth about “The Garden of Nosokén”, I found correlations and possible dialogues with the Judeo-Christian myth of the Garden of Eden, focusing the interest of the study on the dimension of the feminine in a methodological framework of dialogue with theology, philosophy and mythology, seeking to unravel the meaning of “Semiotic conversion” as conceptualized by João Paes Loureiro. From our inconclusive dives into the erotic and pathological dimension of creation in its entirety, we perceive the mystical relationship of man with himself, with the divine and with the earth in an aporia that transcends existence, in another Time between the sensible and the supersensible.

Keywords: Myths of Origin, Ecology, Feminine, Mythology

INTRODUÇÃO

Adentrar à Amazônia é imiscuir-se num outro universo paralelo que se estabelece entre a realidade sensível – o mundo existencial das coisas dadas no tempo humano e o mundo suprasensível de uma outra realidade estabelecida numa dimensão transcendental, lugar onde os deuses habitam e se torna o concreto existencial desses povos. Ao cruzarmos essa fronteira, nos deparamos com uma habitabilidade que se constitui numa outra dimensão de tempo e espaço como afirma Pinheiro (2013).

Para construirmos o caminho pelo qual nos propomos fazer um sobrevoos por essa literatura mítica, encetamos pelo universo da complexidade em Edgar Morin (2007), destacando o caráter inter/transdisciplinar do texto construindo uma tessitura dialógica e dialética para conversar com o feminino mítico numa perspectiva ecoteológica ainda que estejamos “num voo cego com a esperança de que não seremos levados a um choque contra alguma montanha” (Boff, 2016, p.10), seja ela de caráter conceitual ou não. Evidentemente, aqui teceremos nossas percepções e vivências sempre em consonância com as narrativas, mas, também de mão livre deixando a razão fluir iluminada pelas verdades reveladas nas Sagradas Escrituras.

Uma das características do mito como diz Campbell (1990) é ser capaz de ouvir a voz do universo que ecoa nos quatro cantos do mundo e seguindo essa voz nos permitir ser conduzidos por uma realidade suprassensível que na cosmovisão indígena são os protetores das águas, das florestas e do ar. Para nosso mundo de fé cristã, é o próprio Espírito Santo que sopra em todos os cantos e em todas as direções nos reconduzindo de volta ao Éden.

Em minha tese de doutorado fui tentada epistemologicamente a falar do “feminino Sateré-Mawé e suas manifestações simbólicas na Amazônia” e essa inquietação tem me levado a continuar essa busca que por ora tenho certeza de que não foi finalizada com a defesa e o “fechamento do texto”, mas, se constituiu num final dialético, possível de novas interpretações e olhares, pois assim, como o som do universo não para, entre o soprano e o barítono, o contralto ressoa igualmente.

De nossas investigações em torno dos estudos mítico-filosóficos, dialogamos necessariamente com a antropologia teológica a partir da leitura bíblica trazida a nós pelo livro das origens (Gênesis) e o entendimento dessa narrativa numa perspectiva sobre o feminino que se manifesta articulado à dimensão da vida em sua relação mais profunda com a natureza no espaço e tempo do planeta terra, nossa casa comum como afirma a Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco.

Nosso propósito neste estudo de caráter inter/transdisciplinar consiste em desvelar a trajetória do feminino sua relação com a vida na Terra a partir do mito de origem do livro de Gênesis, e na perspectiva metafórica do amor erótico enquanto energia criativa ou ainda como diz Teilhard de Chardin, a noosfera como dimensão inteligente e/ou humana, para aprofundar a reflexão sobre o mito de origem bíblico, enfatizando a importância do feminino na criação e a necessidade de compreensão de sua presença no tempo e no espaço, a partir do conceito de *Eros e Phatos*. O primeiro como potência criativa, o segundo como negação do feminino na Terra e suas consequências trágicas para vida planetária.

Transitar pela mitologia nos levou a Campbell (2015) em seu livro sobre os mistérios do divino feminino e aos estudos da ecoteologia a partir das reflexões de Boff (2015). O objeto de pesquisa em tela, se constituiu num desafio ao pensamento, pois temos a consciência de estarmos no encontro de dois mundos – no limiar entre a razão e a fé, entre a imanência e a transcendência entre o sensível e o suprassensível. Assim, navegaremos com nossa canoa singrando lugares desconhecidos e, ao mesmo tempo, reveladores sob um outro olhar, situados em uma habitabilidade que se constitui na imagem de dois Jardins e uma mesma árvore ao seu centro.

Dialogar através da mitologia é sair de nossa zona de conforto racional e enveredar por uma racionalização fundamentada numa lógica própria do saber tradicional trazido a nós por diferentes culturas em todos os tempos e lugares. Buscaremos compreender o tempo do mito enquanto discorreremos sobre o jardim do Éden no campo da mitologia e conseqüentemente no âmbito da fé e sua importância para os estudos ecoteológicos quando no contemporâneo estamos provocando a exterminação

humana e de muitas outras espécies, colocando em risco a camada da noosfera (Chardin, 1970).

Não se trata de nos fixarmos numa leitura na qual apenas o feminino se faça presente, pois toda vida e toda forma de existir são potencialmente necessárias e nos desperta as mais belas poesias como aquelas que encontramos no Livro dos Cantares. A eroticidade do Éden enquanto amor encontra ressonância na convivência social, possibilitando uma experiência do outro em sua alteridade que o resgata do inferno narcisista “*um sujeito de amor é tomado por um tornar-se-fraco todo próprio, que vem acompanhado ao mesmo tempo por um sentimento de fortaleza. Mas, esse sentimento não é o desempenho próprio de si mesmo, mas, o dom do outro*” (Han, 2017, p. 11).

Ao falarmos do Éden a história dos primórdios, devido a suas particularidades literárias, raciocinaremos sobre o homem numa perspectiva metafórica a fim de descrever a situação do ser humano e seu relacionamento com Deus e com a sua criação (Krauss; Küchler, 2007). A partir de uma leitura enraizada na Terra, a terra-mãe que gerou toda a vida e continua seu processo de criação ainda que ameaçada.

Ao resgatarmos a figura feminina que também perpassará pela Virgem Maria, pois ela é a nova “Eva” que significa “serpente” ou mesmo “serpente fêmea” na maioria das línguas semitas (Harari, 2016, p. 85), significa dizer que esse feminino transborda na escatologia bíblica, pois é parte integrante deste sistema simbólico, que guardada toda a sua importância tem como valor fundante ser o útero prenhe de vida que se lança sobre o mundo. Todas essas questões suscitam conexões com outras ciências na perspectiva interdisciplinar.

O nosso estudo assenta-se metodologicamente na dialógica de Edgar Morin (2007), cuja inspiração do *complexus* ou do tecer junto, permite-nos dialogar com outros saberes necessários para a ciência. O diálogo com autores da filosofia, mitologia e teologia se torna fundamental para tecer a trama que gerou este trabalho. O trabalho de caráter bibliográfico está seccionado em dois mergulhos denominados Amor Erótico e Amor Patológico que se interrelacionam formando uma unidade de discussão.

O primeiro mergulho fará um aprofundamento pela metanarrativa do mito de origem do Gênesis, enfatizando o amor erótico na perspectiva da criação tendo a figura feminina como conexão para uma leitura poética com a natureza em sua totalidade e a importância da manutenção do jardim numa perspectiva ecosférica.

O segundo mergulho terá como centralidade a leitura do amor patológico da vida e as consequências de nossos atos ao pretender extinguir o Jardim criado por Deus como rejeição a sua graça e seu amor, apresentando ainda uma brecha para a restauração desse amor que não cessa de se dar ao *apeiron*¹.

Por fim, teceremos algumas considerações apresentando reflexões como fruto de uma viagem conceitual pelo tripé filosófico-mitológico-teológico. É assim que este estudo assume significativa relevância no âmbito da ecoteologia e dos estudos interdisciplinares, do mesmo modo que poderá também contribuir para os estudos sobre a feminilidade e o ser mulher na Igreja em contraposição a androgenização da Igreja Cristã (Abreu, 2007).

De nossas andanças pela Amazônia, sua gente e suas crenças, aprofundar a temática do feminino, não por dentro de um viés dos estudos de gênero ocidental, discussão que não cabe necessariamente nesse contexto, mas, por uma outra feminilidade

¹ Se refere ao infinito e ao indeterminado segundo Anaximandro de Mileto (Cf. Dicionário Nicola Abbagnano (2003, p.71)

originada nos mitos, plena nas metanarrativas de origem tanto quanto expressas na literatura do Gênesis, é latente e necessita de investigação científica.

Pontuar questões acerca do feminino e de sua relação com a Terra em tempos de destruição da vida planetária como afirma Michel Lacroix (1996) se torna pertinente para a academia, pois não estamos falando de uma feminilidade que se relaciona com o ser humano tão somente, ainda que no contexto isso possa transbordar de alguma maneira.

Nossa preocupação se situa no espaço do desvelamento de um feminino mítico que margeia a criação num processo de fervilhamento de potência e ato e ultrapassa a categoria de tempo. Nosso objetivo, portanto, consiste em desvelar os sentidos e significados do feminino, buscando compreendê-lo no âmbito da leitura bíblica do Gênesis e a sua finalidade escatológica no plano da criação e da sustentação da vida na Terra, na propositura de tecermos um *bricoleur* entre o amor erótico (criatividade) de criação e regeneração e o amor *phatos* como destruição e rejeição da criação. Uma pergunta surge neste contexto: É possível a partir do mito de criação relacionar o feminino com a vida planetária e sua negação como risco à sobrevivência na Terra? Aqui daremos início ao nosso primeiro mergulho.

CRIAÇÃO E EROTICIDADE

Em Gênesis 1,2 fica explícito que o “*alento de Deus revoava sobre a face das águas*”. Percebemos assim, a presença de dois elementos distintos: o alento enquanto espírito = *pneuma* (sopro animador, ou ainda aquilo que vivifica para Kant²) e a água como elemento material que Tales de Mileto afirma ser a origem das coisas e que deus é aquela inteligência que tudo faz da água (Cícero, De Deorum Nat., I, 10,25)³.

Ainda que a tradução da palavra alento em hebraico seja “*אנן*” - uma expressão feminina, mas, respeitando a língua portuguesa ela tem conotação masculina, o que metaforicamente queremos dizer é que a partir do mito e se deixando seduzir pela narrativa do Éden é que já havia pelo menos dois elementos constitutivos do cosmos potencialmente opostos que denominamos de masculino e feminino assim como macho e fêmea Deus constituiu distintamente os primeiros humanos. Esteticamente estamos falando de uma dimensão do amor no seu sentido mais pleno e profundo que se relaciona com o cuidado, veneração, completude.

O termo ‘pairava’ ou também ‘revoava’ sobre as águas nos conduz à imagem da leveza de um verdadeiro balé de amor entre duas forças distintas e uníssonas, que se revelam diferentes, mas, que são uma e mesma coisa, entrelaçadas, necessárias uma à outra, sem hierarquia ou definição sexual. São energias em potência presentes em todo o cosmo como presença de Deus.

A mesma expressão desse amor está revelada no ato da criação de Eva (Gr. Zoê – que significa vida). Eva nasce não só do profundo sono de Adão, mas, de uma outra matéria já existente que é o osso “*צֶצֶר*” representado pela costela “*צֶצֶר*” de Adão. O profundo sono de Adão também está relacionado à morte do velho homem para ressurgir o novo, do seu outro lado “*צֶצֶר*”. O lado que no nosso entendimento não significa tão somente a dimensão corpórea, pois a linguagem metafórica do mito vai além dessa questão. Entendemos o lado, como sendo o reverso do primeiro homem.

² Cf. Nicola Abbagnano, 2003, p. 354)

³ Cf. Gerd Bornheim (2000, p.22)

O feminino criado por Deus se constitui como o avesso da criação com missão específica no plano de economia da salvação que será representado pela Virgem Maria. Aqui pedimos a licença poética e mítica para dizermos que as águas sobre a qual o Espírito de Deus pairava expressa sua presença desde todos os tempos, ainda que não seja sexuado, Deus tem em si a energia do feminino e do masculino e a partir desses opostos lançou sobre o mundo sua razão seminal como diz Santo Agostinho.

Ney Brasil, recupera trechos de uma antiga homilia do Sábado Santo onde discorre sobre o lado de Adão. Entre as palavras dirigidas pelo **Ressuscitado a Adão**, no mundo dos mortos, o autor formula as seguintes:

Adormeci na cruz e, por tua causa, a lança penetrou no meu lado, como **Eva** surgiu do teu, ao adormeceres no paraíso. Meu lado curou a dor do teu lado. Meu sono vai arrancar-te do sono da morte. Minha lança deteve a lança que estava dirigida contra ti”⁴.

Eva que ressurgue traz em si uma nova releitura da terra como ventre gerador onde morte e vida são uma e mesma coisa. É nesse ventre preparado desde todos os tempos que o Cristo irá descansar em sono profundo durante três dias, para ressurgir o Paráclito – aquele que na ação salvífica de Deus é o pastor eterno que conduzirá o rebanho perdido de volta ao Éden – o lugar onde corre leite e mel. Compreender o universo feminino a partir de Eva será “a descoberta da irmandade cósmica que nos ajudará a sair da crise e nos devolverá a inocência perdida, que é a claridade infantil da idade adulta” (Boff, 2016, p. 111).

Enquanto não formos capazes de compreender que todos somos um, que tudo está interligado como afirma o Papa Francisco na *Laudato Si* (2015) e esta interligação perpassa o tempo e espaço como compreendemos e ao mesmo tempo não, nos colocaremos sempre num risco iminente de autodestruição da nossa vida e da vida planetária, dificultando o retorno ao jardim do Éden.

Durante quarenta anos vagueamos pelo deserto em busca da Terra Prometida que se constituiu somente na terra de um outro povo – o que ainda hoje gera conflitos intermináveis pela posse de territórios como acontece especialmente no oriente médio. A verdadeira terra de Deus que a nós será dada é a que ele tocou com as mãos e nos produziu – a terra de nossa identidade primeira – o Éden. Ainda que nos últimos cinco séculos, o velho continente tenha criado o ‘espírito novo’, a Modernidade, com base no pragmatismo, no utilitarismo e na produção, a pergunta pelo “o que resta do paraíso” continuará a nos assombrar com os “novíssimos” (Susin, 2018).

Resgatar a infância perdida é restaurar a nossa energia cósmica, é restaurar o elo trinitário do Pai, do Filho e do Espírito Santo que só sabe amar e gerar amor. Amor que se tornou carne e habitou entre nós, amor que se permitiu gerar Eva e experimentou o tempo, amor que gerou a liberdade humana e se arriscou ao deixar livre a maior criação de todas – o ser humano.

Acreditamos que os estudos de West (2009) sobre ciência e simbologias egípcias nos proporciona mergulhar cada vez “mais fundo no verdadeiro mistério de existências vividas conscientemente no Espírito”⁵ e aqui trazemos novamente o significado de Eva como serpente que para os antigos egípcios era o símbolo da dualidade ou, mais exatamente do poder que resulta em dualidade. E esse poder é ele próprio de aspecto dual; é simultaneamente criativo e destrutivo: criativo no sentido de que a multiplicidade

⁴ Ney Brasil Pereira In: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/169-noticias/noticias-2015/546280-nemda-costela-nem-do-baculum-mas-do-lado>. Acesso em 23/03/2023.

⁵Comentário de Normandi Ellis a respeito da obra “A serpente Cósmica” de John Anthony West.

é criada da unidade, destrutivo no sentido de que a criação representa a ruptura da perfeição do Absoluto.

Quando é percebido que a serpente traz tanto uma língua bifurcada quanto um pênis duplo, a sabedoria subjacente da opção se torna clara. Como símbolo da dualidade, a serpente representa o intelecto, a faculdade pelo qual o homem discrimina – isto é, pela qual decompomos o todo em suas partes constituintes. Mas, a dualidade sem controle é o caos, A fragmentação feroz é apenas destruição. Meramente conhecer sem sintetizar é parodiar Deus – provavelmente é por isso que, ao tomar emprestado a serpente do Egito, o livro do Gênesis usa-a como símbolo da tentação. A serpente aparentemente uma unidade, é dual na expressão – tanto verbal quanto sexual, dual e divisora por natureza (West, 2009, p. 96-97).

A partir da simbologia da serpente (Eva para o mundo judaico-cristão) podemos compreender a partir de alguns mitos indígenas⁶, a figura da mulher como o contraponto da existência sobre a qual munida de grande poder gerou o patriarcalismo invertido como expressão do caos sobre a terra. O verdadeiro falo, e cósmico e é de domínio feminino. Ele é a representação de poder dos antigos faraós egípcios, usado sobre suas cabeças como diadema sagrado e representava a marca do homem tornado perfeito ou régio. Para (West, 2009)

Portanto, a escolha do rico e poderoso símbolo da serpente para a dualidade revela uma compreensão total dos muitos aspectos da dualidade. É também significativo que embora em geral o Egito fornecesse a cada animal um determinado nome, a serpente, em seu papel de “separadora” (portanto obstrutora) das obras de Rá, é difamada sob uma série de diferentes nomes (talvez qualificando de alguma forma o tipo específico de obstrução ou negação). Eles aparecem nos inúmeros ritos e textos nos quais o falecido deve rogar para ser liberto das formas múltiplas que toma a negação. Set, o fogo que separa, em termos cristãos se torna Satã, que é famoso por sua perfídia; em outras palavras, Satã aparece sob muitos disfarces e no Egito sob muitos nomes (WEST, 2009, p.97).

O falo bifurcado é a conjunção do bem e do mal em si mesma. Ela é a plenificação da árvore do conhecimento e de seus mistérios. Ela é a junção dos Tempos. Ao se erguer como uma estela saindo do ventre da terra, assim como uma planta que se ergue ao brotar, ela rompeu a barreira do tempo que está expresso na expulsão do paraíso (Gn 3,23s), fazendo mover o que estava amovível. A serpente altera o primeiro tempo como obra de Deus criador de todas as coisas e abre o segundo tempo – que pertence à sua criatura – o homem. Se no primeiro tempo contemplamos a beleza da força do amor erótico e criativo de Deus, no segundo, enxergamos a força destruidora de *phatos*. No primeiro momento Deus cria, no segundo momento o homem destrói.

Se o velho homem trazido a nós na figura de Adão, colocou em risco a obra projetada pela Comunidade Trinitária (Gn 1,26) desde todos os tempos e sabendo o que criou ao projetar a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,9), Jesus Cristo o enviado do Pai como seu Filho, rompe mais uma vez a barreira do tempo, trazido ao mundo pelo feminino primordial preparado desde todos os tempos “*a terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva. E o alento de Deus revoava sobre a face das águas*” (Gn 1,2).

Jesus vem ao mundo como alento de Deus, tecido no ventre materno das águas primordiais que recebe no tempo o nome de Maria – a nova Eva. A Trindade Santa se projeta no mundo e marca o tempo do homem com sua finitude. No mito de origem Sateré-Mawé quando Tupana descobre a infidelidade da serpente que de dia namorava com o sol

⁶ Me refiro o Mito de origem Sateré-Mawé e O Mito de origem da Canoa da Transformação que perpassa o imaginário dos 23 povos indígenas do Alto Rio Negro.

(Tupana) e a noite com a lua (Jurupari) e dessa relação foi gerado um filho, os dois astros (deuses) ficaram indignados. Jurupari a rejeitou e não reconheceu a paternidade; Tupana a expulsou do paraíso mandando-a para o reino das águas. Todavia, ele não consegue deixá-la distante. Ao chamá-la de volta, ele estabelece uma condição de que ao subir ela não olhasse para baixo pois prejudicaria os homens. Astuta e desobediente, ela olha e seu olhar torna-se a morte, que é o caminho de volta ao convívio de Deus (Nascimento, 2016).

O mito do jardim do *Nosokén* trazido a nós pela tradição cultural do Povo Sateré-Mawé enriquece a discussão sobre as mais diversas interpretações sobre a origem humana na terra e como teria sido o encontro em tempos diferentes do criador com sua criatura. O mistério torna-se parte de nossa condição existencial como afirma Heidegger (2004). O desafio de nossa razão é procurar desesperadamente por respostas que ficaram ocultadas no processo de transição de um tempo para outro e que somente ao fazermos a experiência de morrer é possível que nos deparemos com a verdade que tanto desejamos e que gerou toda a filosofia grega.

Ao tocarmos novamente a terra após a morte, o velho corpo manchado pelo pecado, faz a primeira experiência do retorno que é o de tocar a terra, tornar-se novamente um embrião no ventre da grande mãe. Ao se liquefazer recomeça sua jornada por mais 40 dias no deserto desejando chegar novamente em casa. Este não é mais o tempo do homem, mas, o tempo de Deus. Susin (2018, p. 48) reflete que,

Em grego há pelo menos três palavras para designar o tempo: Chronos, kairós e hora, Chronos, uma experiência do tempo na forma de ser totalizado e consumido pelo tempo “cronológico” como vida que transcorre entre duas datas, uma que é nascimento e outra que é morte e ponto-final. Chronos é o escorrer quantitativo do tempo que arrasta inexoravelmente do nada ao nada [...] kairós e hora significam o tempo de um acontecimento marcante. Nesse caso, não é o tempo que constitui e destrói o acontecimento, mas é o acontecimento que constitui qualitativamente um determinado tempo: tempo de nascimento, tempo de juventude, tempo de plantar, tempo de colher, tempo de festa, tempo de lágrimas etc. [...] quanto maior é a qualidade do kairós e da sua hora mais reúne em torno de si os outros tempos, marcando-os como “antes” e “depois”.

A partir de Santo Agostinho percebemos que ele credita a Deus a criação de tudo, incluindo nesse tudo, o próprio Tempo. No entanto, nomeá-lo como “Criador” pode ser insatisfatório se levarmos em conta o que Paulo afirma em Hebreus 11,3 *“foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem sua origem em coisas manifestas”*, ou seja, a origem do mundo, será um mistério inalcançável, a não ser pela fé. Anselmo d’Aosta nos diz de que *“nada do que é humano e apenas perceptível pelos cinco sentidos pode ser considerado atributo de Deus [...] por mais que persigamos uma ideia sobre Deus, ele estará sempre além de nossa possível compreensão”* (In: Fiorani, 2013, p.53). Para Silvio Fiorani, a destinação do homem nesse sentido, é fruto de suas escolhas pessoais, guiado por sua consciência que tende ao bem ou o mal dependendo de sua vontade e disposição como ocorreu no Éden.

“Tendo colocado o homem no jardim para guardar e cultivar, o Eterno advertiu-o: Da árvore do bem e do mal, não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer” [...]

Dito isto expulsou Adão e Eva do Paraíso, que assim se livraram da desgraça da eternidade, mas tiveram que tomar em suas mãos seus próprios destinos” (Fiorani, 2013, p.54).

Adão (*Adamah*) e Eva (*Adamah* e *tselâṭ*) – filhos da terra se tornaram as primeiras criaturas humanas do Éden, foram atravessados pelo logos – razão (presente na figura

⁷ <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/169-noticias-2015/546278-costela-ou-lado-de-adao-em-gn-221-22-um-texto-de-joao-crisostomo>. Acesso em 20/03/2023.

da serpente). Segundo Yuval Harari (2016) o termo serpente no semita antigo significa EVA. Assim, perguntamos a Adão: onde Tu estavas, enquanto Eva tecia o Tempo, não na dimensão da eternidade, mas, da imanência, do humano, demasiadamente humano, em que o *Homo-demens* acreditou ser senhor do próprio Tempo gerado por sua astuta razão? O feminino cósmico e mítico gerado por Deus, desde todos os tempos tinha sua missão definida, ocultada na serpente-racional, pois, o próprio ordenamento cósmico se define como num constante fazer-se, o que não anula o corpo espiritual, mas, dobra-se no tempo, num corpo físico necessário ao homem para entender sua verdadeira trajetória na terra após a queda como Kierkegaard, que numa releitura psicológica afirma que o homem é uma verdadeira aporia de autoconsciência e de corpo físico.

Essa consciência só foi possível a partir da ‘queda’ que o permitiu emergir do mundo instintivo e o fez refletir sobre sua individualidade. Não há frutos proibidos. “O verbo é a luz verdadeira que ilumina todo homem” (Fiorani, 2013, p.55) e a árvore plantada no meio do jardim foi o facho de luz que irradiou sobre a consciência humana despertando seu *daimon* adormecido e se projetando na obra da criação não mais como mero espectador, mas, participe, porém, diferentemente do seu criador, o homem traz a marca indelével do mal originado que continua se originando no tempo através de suas ações contrárias à criação.

Se da dualidade bifurcada de Eva herdamos a graça da criação, de que igual modo herdamos o poder de destruição manifesto nas relações de poder que o homem tem sobre a terra. Este poder dual nos provoca a dar um segundo mergulho pela dimensão do *phatos* nos mostrando a outra face da história após a expulsão do Éden e a caminhada do homem no seu arrastar-se pela existência em busca de superação de si mesmo e da morte, sua maior fragilidade.

PHATOS - UM AMOR DESTRUTIVO

“Eu te ouvi no jardim, fiquei com medo porque estava nu, e me escondi” (Gn, 3,10). Essa resposta de Adão a Deus, revela a verdadeira natureza do homem, que perante Deus não há roupa nem acessório algum que o torne diferente ou o faça se esconder, ou se disfarçar diante daquele que o criou a seu modo e semelhança. O que significa então, entender a condição do ser humano em seu estado de nudez a partir da teologia?

É possível que a Teologia de Erick Peterson (1966) e a perspectiva de Nudez do filósofo italiano Giorgio Agamben (2014) nos leve a refletir sobre aquele exato momento da narrativa mítica do Éden em que o homem experimenta o sentir-se nu diante de Deus e compreende, ainda que de forma incipiente a diferença entre ele e seu criador. Para Peterson, “a relação do ser humano com a veste não é principalmente um problema moral – o juízo moral e moralmente indiferente, se move aqui, no mesmo plano, pois é um problema metafísico e teológico” (Peterson, 1966, p.221)⁸.

Antes do pecado, o corpo era de outra maneira para o ser humano, porque o ser humano era de outra maneira para Deus. O “transtorno” da natureza por efeito da queda leva ao “descobrimento” do corpo, à advertência de sua “nudez”. Antes do pecado era o ser humano de tal maneira para Deus, que seu corpo – sem nenhuma veste humana –, não estava “desnudo”.

Esse “não-estar-desnudo” de um corpo sem veste exterior se explica porque a graça divina envolvia a pessoa humana como com uma vestimenta. Não se trata somente de que o ser humano estivesse à luz da glória divina, não; é que estava vestido com a glória de Deus.

⁸ Cf. Geraldo Luiz de Mori e Davi Mendes Caixeta – Considerações teológico-políticas sobre nudez, desnudamento e vida nua em Giorgio Agamben In: Revista Rever, São Paulo: V.20, N. 1 jan/abr 2020.

Mas o ser humano perdeu a glória de Deus pelo pecado, e sua natureza mostra agora um corpo privado de vestimenta divina: mostra a nudez da mera corporalidade, o despojo da crassa funcionalidade: um corpo carente de nobreza, porque sua última dignidade desapareceu com a perda da glória divina (Peterson, 1966, p. 222).

Observemos na fala do autor alemão que Adão e Eva só se percebem nus e descobrem a verdadeira realidade de si mesmos, após a desobediência – o pecado originado no Éden. É na dimensão do pecado, de sentir fora da graça de Deus que o homem se percebe nu, ou seja, lançado no *dasein* da existência no qual sua trajetória será sempre despida, exposta como afirma Agamben (2014).

A vida no pecado é uma vida nua, fragilizada. Eles sentiram seus corpos diferentes e seus olhos se abriram, revelando sua própria corporeidade visível em plena nudez que é aquilo que é, pois nela há um desvelamento antropológico da condição do homem em ser incompleto, finito, inconstante e insatisfeito. Erick Peterson reflete:

Falar de uma nudez do corpo, que se fez visível porque nos “abriram os olhos”, só tem sentido se se supõe previamente um desvestir-se. O despojo do corpo permite a percepção do corpo desnudo, e assim foi necessário que se produzisse o despojo do corpo do primeiro homem, antes que este pudesse ser consciente da nudez de seu corpo. Esse “descobrimto” do corpo, que deixa ver a “corporalidade desnuda”; este procaz despojo do corpo com todos os sinais de sua sexualidade, que agora é visível “aos olhos abertos”, como consequência do pecado, estivera “coberto” o que depois se “descobriu”, de que antes estivesse velado e vestido o que agora está desvelado e desvestido (Peterson, 1966, pp. 221-222).

Esse desnudar-se, colocou o homem na condição de alguém também desamparado. Houve um rompimento entre a paternidade divina e a frágil criatura produzida do barro e do osso. Deus não os priva do castigo e os expulsa para fora de sua graça. Esse rompimento com a divindade cria no homem uma espécie de revolta.

O evangelho do Filho Pródigo nos auxilia nessa compreensão. Ao se sentir abandonado, o homem se autoprojeta como criador, tece para si uma outra roupagem, a princípio folhas de figueira⁹ para cobrir os sinais de sua sexualidade exposta. Antes de os banir do jardim, Deus os cobriu com túnicas de pele: “*O senhor Deus fez túnicas de pele para o homem e sua mulher, e os vestiu*” (Gn 3, 21).

Todavia, essa outra vestimenta, fosse de plantas ou de pele de animais, jamais seria como a veste de glória, antes do pecado. Peterson chama essa nova vestimenta como “vestimenta de situação” porque expressa o *status* da natureza decaída” (Peterson, 1966, p. 225). Essa nova veste é estéril, porque fabricada de folhas secas e, ao mesmo tempo, penitencial pois, Deus os veste de pele de animais mortos, mostrando a precariedade do corpo humano entre a vida e a morte, incapaz de alcançar o brilho da glória. Uma nudez completa, o velho homem Adão preanuncia, o que Jesus Cristo sofreria ao concluir o seu projeto de Redenção.

É possível que a condição de se sentir abandonado e humilhado diante de Deus, tenha despertado as emoções mais frágeis que fazem parte do homem tão somente. O seu lado mais vulnerável é ao mesmo tempo, aberto, incompreendido. A partir de sua escolha pela desobediência, o que culmina com a expulsão do Éden, o homem inicia uma trajetória vida diferente daquela que conhecia e se lança na busca de si mesmo. Experimentar este novo tempo terá sua culminância em *thanatos*.

A dimensão patológica do homem surge do sentimento de ausência de Deus, o afastar-se da graça, gera o mal em seu coração fazendo-o encarar a dura realidade de que se sua trajetória na terra será sempre de um arrependimento profundo em busca de suas

⁹ Tradução da Bíblia do Peregrino.

vestes originais. A quebra da aliança entre o Criador e sua criatura desassossega o coração humano a tal ponto que não encontrará repouso até que descanse em Deus novamente como diz Santo Agostinho.

A veste do humano decaído se converte em instrumento de concupiscência e sedução, pois não consegue tapar metafisicamente o despojo. Também é uma veste que carrega o luto da morte e cobre a carne corruptível, como uma “veste de mortos” que expõe a nudez e a corruptibilidade da natureza caída. Em resumo, após o pecado a vestimenta não passa de uma recordação da veste perdida quando da vida no paraíso: “Toda mudança e renovação da veste desperta a esperança e a perda da vestimenta, que é a única que pode interpretar nosso ser e fazer visível nossa dignidade” (Peterson, 1966, p. 225).

Ao romper com o tabu de não comer “somente da árvore que está no meio do jardim Deus nos proibiu comer ou tocar, sob pena de morte” (Gn 3,3). Morte que o novo Adão – Jesus Cristo experimentou para resgatar o homem decaído e entregue à própria sorte. “Repartiram minhas vestes e sortearam minha túnica” (Jo 19,24). O Filho de Deus experimentou as mesmas dores do velho homem, exceto, o pecado. Jesus obediente até a morte e morte de Cruz é a nova veste de Adão para refazer o elo perdido no Éden.

Para Giorgio Agamben (2014) as vestes originais de Adão antes da queda era a imagem do ser humano que se encontrava na luz da glória de Deus, porque ele mesmo estava vestido com a glória de Deus.

Mediante o pecado, perde a glória de Deus e, na sua natureza, torna-se agora visível um corpo sem glória: o nu da pura corporeidade, o desnudamento da pura funcionalidade, um corpo ao qual falta toda nobreza, porque a dignidade última do corpo estava encerrada na glória divina perdida (Agamben, 2014, p. 94).

Para Agamben, a percepção imediata de Adão e Eva de que estavam nus, está ligada ao ato espiritual que a Sagrada Escritura define como ‘abertura dos olhos’. O que significa que tomaram consciência da gravidade de seu pecado por desobediência. O homem decaído perde toda sua dignidade diante de Deus e escolhe esconder-se. Todavia, o esconder-se não resolve sua transgressão, mas, amplia sua distância do seu vínculo original e toda sua vida estará manchada por uma espécie de mágoa ora consciente, ora inconsciente que Kierkegaard afirmará no seu livro *Desespero humano*: “o homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade; o homem é afinal uma síntese” (In: Fiorani, 2013, p.56). Psicologicamente uma criança que carrega em si a dual bifurcação de Eva, que lançado ao mundo continua originando o que fora originado no Éden.

A situação mais dramática do desnudamento humano na sua corporeidade é a corrupção e a putrefação do corpo. Quando a glória de Deus abandona o ser humano, há “possibilidade de degeneração da natureza humana naquilo que a escritura chama ‘carne’, o devir visível da nudez do homem, a sua corrupção e putrefação” (Agamben, 2014, p.99). E continua o autor:

Toda veste que o humano decaído porta, não passa de uma veste que vela o corpo, que tem sua natureza degenerada e corrompida ao longo do tempo. Quando a veste se esvai, a veste que vela o cadáver fica ainda mais evidente como veste de mortos. Nesse drama em que o humano decaído é colocado na sua corporeidade, numa situação entre vida e morte, ocorre uma busca incessante pela graça divina. Mas, a vestimenta, aquela peliça, não passa de uma veste de morte (Agamben, 2014, p. 97)

Diante disso nossa compreensão de desnudamento, envolve uma questão relacional muito mais profunda de pecado. O homem ao não encontrar saída em Deus, se lança na busca desesperada e desenfreada de destruição da vida na terra. Ora por um ato inconsequente de rebeldia contra Deus, ora por se achar um deus e dispor do mundo como bem lhe apraz.

Esse homem infantil e cada vez mais infantilizado, está colocando em risco sua vida e a vida na terra. Não percebe que o ciclo de destruição a que se propôs mais intensamente com o advento da modernidade funcional, é um caminho sem volta que tende a morte.

O confronto inevitável do homem diante da morte, o enlouquece de tal modo, que toda roupagem se torna necessária e apropriada para tentar enfrentá-la, ainda que tenha consciência que sobre ela não tem nenhum domínio. Esse desespero é avassalador. Se coloca na condição de escravo, come o resto que é servido aos porcos (Lc 15, 16) como diz a parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-31), conhece o caminho de volta para casa (Lc 15, 18s), mas, não aceita, até chegar ao seu limite final (Lc 15, 20s).

Em outras palavras, o homem resolveu travar com Deus uma queda de braço pelo prazer da aposta, sabendo que não ganhará ao final. “Moradoras de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós e por vossos filhos. Porque chegará um dia em que se dirá: Felizes as estéreis, os ventres que não pariram, os peitos que não amamentaram!” (Lc 23,28s).

Essa passagem do encontro de Jesus com as mulheres, preanuncia o sofrimento pelo qual o mundo iria passar “Morrerão nesta terra pequenos e grandes, não serão sepultados nem chorados” (Jr 16,5-7). A veste de dor e sem vida que o homem se permitiu vestir não é mais aquela dada por Deus de pele de animais como sinal de arrependimento, mas, a fabricada pelo próprio homem a partir de seus conhecimentos. Uma veste de soberba, prepotência e arrogância.

A criança desobediente, tornou-se um adulto delituoso e sem culpa. A saudosa experiência do Éden, gera um conflito constante e uma dor espiritual sentida na própria carne. O cordão umbilical tecido no ato da criação ainda que rompido guarda traços do ‘DNA’ de Deus que não permite ao homem esquecê-lo.

Porém, sua realidade é outra e a bênção que recebera no Éden “crescei, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a terra” (Gn 1,28) se transforma a partir da indignação humana em sinais visíveis de morte sobre a terra. O super-homem esperado de Nietzsche, se desconstrói, se desfaz; não existe um super-homem, mas, uma criança que definha pela ausência necessária do Pai.

A criação geme e chora pela presença do seu novo senhorio. A lógica de perceber a Terra como o lugar em que Deus “passeava no jardim na brisa do dia” (Gn 2,8) está se transformando a cada dia num lugar hostil. Diz Leonardo Boff

Cresce dia a dia a consciência de que há uma lógica perversa e inimiga da vida em funcionamento irrefreável: a vontade de acumular bens materiais de forma ilimitada à base de uma sistemática exploração de tudo o que é possível neste planeta. A lógica que explora as pessoas, as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos é a mesma que depreda a Terra e espolia suas riquezas naturais, sem solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras. Ela é cruel e sem piedade até para com seus filhos e netos que ainda virão (Boff, 2015, p.9).

Essa lógica, revela a fragilidade do pensamento humano que rompe a propositura da criação e “o pacto natural com a natureza e o frágil equilíbrio do Sistema Vida e do Sistema Terra, construído com grande sabedoria por 13,7 bilhões de anos de trabalho de evolução” (Boff, 2015, p.9) de Deus que colocou tudo em potência no etéreo Éden onde tudo foi gerado e plasmado por suas mãos de artista e arquiteto dos Tempos.

Vivemos momentos dramáticos e o fim nunca se fez tão iminente e trágico como agora. Diante de tudo isso tem-se propalado o fim do amor “que estaria desaparecendo por causa da infinita liberdade de escolha, da multiplicidade de opções e da coerção de otimização. Num mundo de possibilidades ilimitadas, o amor não tem vez” (Han, 2017, p.7).

Nosso amor doentio e insatisfeito tem nos feitos experimentar uma espécie de ‘esquizofrenia’ (des)humana-coletiva onde tudo parece normal, quando aceito dentro dos marcadores padronizados da sociedade moderna do ‘cansaço, da transparência e paliativa’¹⁰. Não é mais a oferta de outros que contribui para a crise do amor, mas a erosão do

Outro, que por ora ocorre em todos os âmbitos da vida e caminha cada vez mais de mãos dadas com a narcisificação do si mesmo. O fato de o outro desaparecer é um processo dramático, mas, fatalmente avança, de modo sorrateiro e pouco perceptível. O Eros aplica-se em sentido enfático ao outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu, que vai igualando cada vez mais a sociedade atual, já não mais nos encontramos, portanto, com a experiência erótica mas com a experiência patológica (Han, 2017, p.8).

Essa experiência de negação do outro e sentir-se exterior a ele, Sócrates define enquanto amante como *atopos*, porque o outro que eu desejo (*begehre*) é sem-lugar. A sociedade moderna não admite a negatividade do *atopos*, a tendência é eliminar tudo que se coloca à frente do consumismo e então, eliminar a vida, seja ela, humana ou não, torna-se apenas um detalhe que faz parte desse homem narcisista e depressivo, exagerado e doentio, que tende a degeneração o afoga-se em si mesmo. O homem egoísta do Éden, chega ao tempo atual carregando o fardo de seu profundo egoísmo que fez Deus trancar as portas do Éden “colocou os querubins e a espada flamejante que oscilava sem fechar o caminho da árvore da vida” (Gn 3,24).

A verdadeira experiência erótica arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro. É essa trajetória que o homem deverá fazer ao retomar sua consciência, porém essa busca iniciada e simbolicamente percorrida como afirma o Livro do Êxodo especialmente no capítulo 32 revela que ainda não abandonamos nossa animalidade. “A competitividade opera implacável darwinismo social: seleciona os mais fortes, estes, dizem merecem sobreviver, pois dinamizam a economia” (Boff, 2016, p.52).

Essa patologia gerada pela obsessão humana em se colocar como centro de toda natureza criada está cada vez mais colapsando a Terra em sua estrutura biológica. Os recursos naturais estão ficando cada vez mais escassos e muitos lugares na Terra sofrem com a falta de água e de alimentos. Apenas uma pequena parte da população (os que detém riqueza e poder) garante o seu sustento enquanto a maioria geme e treme de fome. Guerras isoladas entre regiões do planeta, provocam mortes e migrações de uma parcela da população que aos poucos experimenta na carne o desenraizamento de si mesmo de forma abrupta fazendo cada vez mais experimentar as dores de *Phatos* e não mais o amor de *Eros*.

MERGULHOS INCONCLUSOS

É possível que dessa fortaleza escapemos um dia para dançar livremente sobre as águas primordiais à sombra do altíssimo recomeçando novamente um novo mundo e um novo tempo em que a harmonia entre todos os seres seja novamente possível, sem distinção de gênero, etnia ou cor, não precisando fazer com que Adão continue escondido e Eva sofresse as consequências de sua ousadia ao brincar com o Tempo.

Navegar por estas águas conceituais e primordiais do Livro do Gênesis que poetisa sobre o imaginário da criação da natureza e da humanidade, nos provoca a continuar perguntando de onde todas as coisas surgiram, porque surgiram e porque estão prestes a desaparecer.

¹⁰ Cf. as obras de Byung Chul-Han – traduzidas no Brasil pela Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

A partir de uma semiótica cultural rionegrina fazendo alusão à Canoa da Transformação onde em seu bojo se encontrava todas as gentes do mundo e que ao longo da navegação foram sendo deixados em portos distintos, nos perguntamos se não é hora de reembarcarmos para reencontrarmos o sentido de nossa existência que não se plenifica tão somente na razão humana ou nessa dimensão sensível. Continuar navegando é preciso ainda que as águas já não sejam mais claras ou serenas, pois cada vez mais a humanidade está se afundando na líquida lama dos tempos modernos como expõe Zigmund Bauman em busca de um novo *kairós*.

Se em algum momento, perdemos a razão de tudo, em outro estamos desesperadamente tentando encontrar conexões para continuarmos vivos, ainda que não consigamos mais, parar o motor imóvel que a tudo moveu, porém, não se move como diz Aristóteles. Cuidar da Casa Comum não é mais uma máxima de ecólogo ou dos defensores da natureza e cientistas ligados à vida na sua totalidade. Cuidar da Casa Comum é um desafio que se nos interpõe neste grande tabuleiro de xadrez onde o peão quer dar xeque mate no Rei.

É preciso descermos as montanhas e sentir novamente o cheiro das flores, é preciso se molhar de chuva, é preciso se jogar na terra e sentir que dela viemos e para ela voltaremos um dia. Que nesse dia o retorno seja bom e não desesperado por alguma catástrofe que nós produzimos. São tempos difíceis, sim. Todavia, ainda há um facho de luz sobre nossas cabeças. É tempo de esperar e desejar que o Planeta Azul que nos foi dado, continue azul e resplendente de vida até a consumação dos tempos que não dependerá de nós, mas, de Deus. “*Não há evolução biológica, tudo se deve a uma revolução divina[...] a biologia é, em última instância, uma teologia, uma doutrina de Deus*” (Han, 2021, p.11).

É preciso como diz Byung Chul-Han demora-se outra vez no jardim, sentir a brisa suave e leve juntamente com Deus num passeio tranquilo, pois faço minhas as palavras do autor “*Eu acredito que houve e haverá o jardim do Éden*”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Zina G. de. (2007). O sagrado feminino – da Pré-história à Idade Média. Lisboa: Edições Colibri.
- AGAMBEN, Giorgio. (2014). *Nudez*. In: *Nudez*. Traduzido por: Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- BÍBLIA SAGRADA DO PEREGRINO. (2017). São Paulo: Editora Paulus.
- BOFF, Leonardo. (2016). *A terra na palma da mão: uma nova visão do planeta e da humanidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes.
- BOFF, Leonardo. (2015). *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BORNHEIM, Gerd A (org). (2000). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo, Editora Cultrix.
- CAMPBELL, Joseph. (2015). *Deusas: os mistérios do divino feminino*. Traduzido por Tonia Van Acker. São Paulo: Palas Athena.
- CAMPBELL, Joseph. (1990). *O poder do Mito*. Joseph Campbell e Bill Moyers (Org). Traduzido por: Carlos Filipe Moisés. São Paulo: Palas Atenas.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. (1970). *O fenômeno humano*. Traduzido por Léon Bourdon e José Terra. Porto: Livraria Tavares Martins.
- FIORANI, Silvio. (2013). *O paradoxo da serpente: cristianismo, a fé usurpada*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record.
- HAN, Byung-Chul. (2021). *Louvor à terra: uma viagem ao jardim*. Traduzido por: Lucas Machado. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes.
- HAN, Byung-Chul. (2017). *A agonia de Eros*. Traduzido por: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes.
- HARARI, Yuval Noah. (2016). *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Traduzido por: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras.
- HEIDEGGER, Martin. (2004). *Ser e Tempo*. Traduzido por Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro.
- KRAUSS, Heinrich. KÜCHLER, Max. (2007). *As origens: um estudo de Gênesis 1-11*. Traduzido por: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas.
- MORI, Geraldo Luiz de; CAIXETA, Davi Mendes (2020). *Considerações teológico-políticas sobre nudez, desnudamento e vida nua em Giorgio Agamben* In: *Revista Rever*, São Paulo: V.20, N. 1 jan/abr.

- MORIN, Edgard. (2007). A humanidade da humanidade, a identidade humana. Vol. 5. Traduzido por: Jeremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina.
- MORIN, Edgard. Rumo ao abismo? (2011). Ensaio sobre o destino da humanidade. Traduzido por: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perasso Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. (2010). Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record.
- NICOLA, Abbagnano. (2003). Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes.
- PAPA FRANCISCO. (2015). Carta Encíclica Laudato Si do Santo Padre Francisco sobre o cuidado com a casa comum. Brasília: Edições CNBB.
- PINHEIRO, Harald Sá Peixoto. (2013). Mitopoética dos Muyraquitãs, Porandubas e Moranguetás. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PETERSON, Erik. Teología del vestido. (1966). In: PETERSON, Erik. Tratados Teológicos. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- SUSIN, Luiz Carlos. (2018). O tempo e a eternidade: a escatologia da criação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- WEST, John Anthony. (2009). A serpente cósmica: a sabedoria iniciática do antigo Egito revelada. Traduzido por Mário Molina. São Paulo: Pensamento.